

OS LUGARES VALORIZADOS PELOS RESIDENTES E AS ZONAS MORFOLÓGICO-FUNCIONAIS DE DIAMANTINA (MG): UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA EXPLORATÓRIA

Guilherme Fortes Drummond Chicarino Varajão

Prof. Dr. da UFVJM/Diamantina, MG
guilhermefdcv@gmail.com

Maíra Cristina de Oliveira Lima

Bacharel em Humanidades pela UFVJM/Diamantina, MG
maira.crist@hotmail.com

Roberto Célio Valadão

Prof. Dr. da UFMG/Belo Horizonte, MG
valadao@ufmg.br

Douglas Sathler

Prof. Dr. da UFVJM/Diamantina, MG
doug.sathler@gmail.com

RESUMO

As cidades não são apenas estruturas físicas, mas também produtos da imaginação humana. As representações que as pessoas fazem da cidade são extremamente relevantes, uma vez que o homem tende a moldar o mundo da maneira pela qual o percebe. Estabelecer as conexões entre a estrutura da paisagem e as percepções dos indivíduos sobre o ambiente urbano têm despertado grande interesse da academia. O presente artigo apresenta um estudo exploratório sobre as diferentes formas que os habitantes de Diamantina (MG) percebem o ambiente da cidade, com base na utilização de técnicas de documentação direta (entrevistas estruturadas com 402 residentes e observações *in loco*), análises espaciais e estatísticas descritivas. De modo geral, a pesquisa demonstra que existe uma importante relação entre as zonas morfológico-funcionais da cidade e a percepção positiva ou negativa das pessoas dos lugares citados e, também, que o perfil socioeconômico dos entrevistados contribui para o entendimento dos diferentes padrões de respostas.

Palavras-chave: Percepção espacial; Morfologia urbana; Funções urbanas.

RESIDENT'S VALUED PLACES AND THE MORPHOLOGIC-FUNCTIONAL ZONES OF DIAMANTINA (MG): AN EXPLORATORY GEOGRAPHICAL ANALYSIS

ABSTRACT

Cities are not only physical structures, but also human imagination products. People create representations for cities and change the world according to their perceptions. The connections between landscape structure and human perceptions have aroused a great interest from specialists. Thus, this paper seeks a better comprehension about how inhabitants in Diamantina perceive the city environment and establish value to it. This study uses direct documentation technics (structured interview with 402 inhabitants and local observations), spatial analysis and descriptive statistics. In general, this research shows that there is an important correlation between morphological/functional zones and most valued places according to residents. Also, their socioeconomic profiles are relevant to the explanation of some patterns found in this work.

Keywords: Spatial perception; Urban morphology; Urban functions.

Recebido em 22/06/2015

Aprovado para publicação em 23/11/2015

Este trabalho foi realizado com recursos obtidos através do Edital Universal 2013 – FAPEMIG.

INTRODUÇÃO

As cidades não são apenas estruturas físicas, mas também produtos da imaginação humana (KNOX e PINCH, 2010). As representações que as pessoas fazem da cidade são extremamente relevantes para o seu futuro, uma vez que o homem tende a moldar o mundo da maneira pela qual o percebe. Embora não se possa duvidar da concretude de certos atributos do espaço urbano, como os edifícios e as vias de circulação, as cidades não são percebidas e valorizadas pelas pessoas da mesma maneira em que estão objetivamente estruturadas. Estabelecer as conexões entre a estrutura da paisagem e as preferências sobre as mesmas têm despertado grande interesse da academia (VAL et al., 2006).

Vários autores têm explorado a diversidade de possibilidades analíticas do mapeamento de lugares especiais, conforme a percepção espacial dos residentes (ver BLACK e LILJEBLAD, 2006; BROWN, 2006; BROWN e RAYMOND, 2007; ZUBE, 1987). As distintas concepções dos habitantes sobre o ambiente urbano e suas percepções espaciais merecem atenção e devem ser respeitadas pelos planejadores e gestores (GONZALEZ BERNALDEZ, 1984). A identificação de valores paisagísticos e o mapeamento de lugares especiais são relevantes para o planejamento urbano, com vista a minimizar potenciais conflitos de uso do solo (BROWN e RAYMOND, 2007; ZUBE, 1987).

O presente artigo oferece subsídios para uma melhor compreensão das diferentes formas que os atuais habitantes valorizam e percebem o ambiente da cidade, com base num estudo de caso de Diamantina (MG). Esta cidade, inserida em uma plástica paisagem serrana, possui uma estrutura urbana peculiar, fruto de diferentes intervenções humanas que se acumularam e, ou sobrepuseram-se ao longo de 300 anos. Trata-se, portanto, de um espaço bastante heterogêneo, que reúne elementos relictuais do período colonial em contraste com contemporâneas expansões periféricas.

Diamantina está situada no Alto Vale do Jequitinhonha, 300 quilômetros ao norte da capital mineira, Belo Horizonte. O município tem a população estimada em 47.952 habitantes e o setor terciário é responsável por 81,4% do Produto Interno Bruto (IBGE, 2015). Centro da sua microrregião, Diamantina é referência para vários municípios, com destaque para os serviços nas áreas de educação, saúde e turismo (VARAJÃO, 2015).

Considerando as diferentes percepções e representações que as pessoas devem possuir sobre esse particular ambiente urbano, poderiam existir concepções partilhadas, ou haveria muitas divergências entre os lugares valorizados positiva e negativamente pelos residentes? Tendo em vista que a estrutura física de Diamantina é um elemento comum aos habitantes, até que ponto a organização morfológico-funcional da cidade exerce influência sobre as preferências coletivas e qual seria a sua capacidade explicativa para as respostas dos entrevistados? Seria possível identificar algum padrão de distribuição espacial dos lugares referenciados pelos habitantes? Estas são, destarte, algumas das principais questões que este trabalho visa esclarecer.

Assim sendo, este estudo é de caráter essencialmente exploratório, envolvendo técnicas de documentação direta, como entrevistas estruturadas com 402 residentes e observações diretas *in loco*, além de análises espaciais e estatísticas descritivas. Desvendar se as percepções dos residentes são próximas ou conflitantes deverá indicar se a valorização do ambiente diamantinense caminha para um futuro unísono ou discordante. Desse modo, a pesquisa também alvitrou verificar se haveria maior afinidade de respostas entre pessoas que habitam semelhantes áreas geográficas da cidade e, ou possuam análogas características socioeconômicas.

AS ABORDAGENS ESPACIAIS, A GEOGRAFIA COMPORTAMENTAL E A GEOGRAFIA HUMANISTA: DIVISÕES E INTERSESSÕES

As abordagens espaciais, calcadas na quantificação, dominaram amplamente os estudos geográficos nas décadas de 1950 e 1960. As complexas funções e rápidas transformações do mundo pós-guerra demandaram céleres respostas que a Geografia Tradicional não foi capaz de atender (MARTIN, 2005). A intitulada “Nova Geografia” utilizava o “‘método científico’ para identificar regularidades nos fenômenos espaciais e, assim, alcançar níveis de generalização e de explicação mais e mais elevados” (AMORIM FILHO, 1987, p. 10). Buscava-se, deste modo,

elaborar modelos teóricos que pudessem fazer predições. Por meio de observações sistemáticas, os estudos teóricos-quantitativos visavam desvendar leis sobre a distribuição espacial de pessoas, objetos e fenômenos (JOHNSTON, 2009). Aplicados ao tema urbano, de maneira cartesiana, os estudos eram objetivos e científicos, na medida em que visavam minimizar a influência do pesquisador nas análises (KNOX e PINCH, 2010).

Diversas críticas se voltaram à simplicidade dos modelos determinísticos gerados, muitas vezes se apoiando em apenas uma variável como, por exemplo, o custo de transporte ou distância, para explicar as decisões espaciais das pessoas (JOHNSTON, 2009). Embora sejam variáveis relevantes, não são as únicas que influenciam a tomada de decisão das pessoas. Ações e decisões humanas relativas ao ambiente não são baseadas somente em fatos objetivos, mas também em fatores subjetivos (WHYTE, 1977). Constatou-se que o comportamento humano não podia ser modelado, uma vez que as decisões das pessoas divergiam daquelas que seriam racionalmente esperadas (MORIN, 2009). Assim, a Geografia Comportamental surgiu no contexto dos estudos locacionais, como forma de suplantar algumas das suas limitações, articulando mais ricamente os valores, objetivos e motivações que sustentam o comportamento humano (HALL, 2001).

Para os comportamentalistas, os indivíduos reagem e tomam suas decisões cotidianas a partir de como estruturam psicológica ou cognitivamente a cidade, ou seja, as respostas e interações com os lugares urbanos e as instituições são determinadas por uma estrutura além daquela existente no plano físico (CLARK, 1985). Os estudos do comportamento não afirmavam que as pessoas são irracionais, mas que elas são racionalmente limitadas. Os limites da razão ocorrem devido ao restrito acesso à informação que as pessoas possuem, seja no momento da sua apreensão, pelos sentidos humanos, ou no processo de cognição (JOHNSTON, 2009). É impossível para as pessoas enxergar o ambiente como ele realmente é, uma vez que a percepção humana é filtrada através de diferenças culturais, pela mídia e por meio da própria experiência subjetiva do indivíduo, por sua vez influenciada por valores e objetivos particulares (MORIN, 2009).

Em busca dos processos psicológicos que mediavam a tomada de decisão, a Geografia se aproximou da Psicologia, formando uma frutífera combinação (GÄRLING e GOLLEDGE, 1993). Os estudos geográficos do comportamento, contudo, não buscavam somente as singularidades dos indivíduos, pois estavam essencialmente voltados à identificação de padrões gerais de comportamento. Alguns padrões espaciais podem, em parte, ser explicados pelas características comuns a determinados grupos socioeconômicos, que partilham os mesmos elementos culturais, experiências passadas e o presente ambiente urbano (KNOX e PINCH, 2010). Kevin Lynch, em 1960, desenvolveu estudos relacionados à percepção das pessoas sobre as cidades, que podem ser associados à vertente comportamental, na tentativa de desvendar as formas urbanas mais apreciadas, por meio das representações e imagens mentais dos entrevistados (LYNCH, 2010; GREGORY et al., 2009). Dentro dos estudos sobre as diferentes representações que as pessoas possuem sobre a realidade, pode-se também citar os mapas mentais. Trata-se de uma expressão cunhada por Gould e White (1974), que se refere às superfícies preferidas citadas ou desenhadas pelas pessoas, ao serem interrogadas sobre suas atitudes e percepções a respeito de diferentes lugares e paisagens (BELL, 2009).

A Geografia Comportamental, que chegou a ser considerada uma subdisciplina da Geografia, entrou em declínio no final da década de 1970, ao mesmo tempo em que a Geografia Crítica tornou-se a principal corrente. A Geografia Humanista desenvolveu-se paralelamente à Geografia Crítica, apesar de ter sido bastante ofuscada pela última, especialmente no seu período inicial (GREGORY et al., 2009). Alguns geógrafos humanistas tacharam a Geografia Comportamental como sendo um mero desdobramento da abordagem espacial neopositivista, que promovia o acirramento de dicotomias, entre sujeito/objeto e fato/valor, e ainda desumanizava as pessoas e os lugares estudados (GOLD, 2009). Assim, os estudos comportamentais ficaram, sobretudo, restritos à América do Norte nos anos 1980 e 1990, a exemplo dos trabalhos compilados por Gärling e Golledge (1993). O termo Geografia Comportamental, associado à ciência cognitiva, paulatinamente deixou de ser empregado pela vertente humanista a partir dos anos 1980. Bastante heterogênea, a Geografia Humanista convergiu diversos pontos de vista morais e filosóficos, incluindo o idealismo, o existencialismo e a fenomenologia (GOLD, 2009). Os valores humanos foram colocados como sendo

elementos centrais das pesquisas. A forma como a natureza é estimada, seja através de valores intrínsecos, econômicos ou metafóricos, era umnexo para a compreensão das relações entre a sociedade e o ambiente (BUTTIMER, 1976). De maneira holística, relacionou-se o homem ao ambiente dentro de uma concepção de mundo não cartesiana e positivista (HOLZER, 1997). Estudava-se, destarte, as profundas e subjetivas relações entre indivíduos, grupos, lugares e paisagens (HALL, 2001).

Não se resumindo apenas a uma localização geográfica, o lugar é diferenciado pelo significado que possui para as pessoas e o elo emocional que apresentam (CRESSWELL, 2004). O positivo elo afetivo que as pessoas mantêm com os lugares foi destacado pelos trabalhos de Yi-Fu Tuan (2012), que elaborou o conceito de topofilia na década de 1970. Nesse sentido, para Amorim Filho (1999, p. 141) “admite-se que o reino por excelência do exercício do sentimento topofílico são os lugares valorizados”. Em geral, quanto menor o sentimento de topofilia, maior é a probabilidade de descaracterização dos lugares, especialmente com a perda local de autonomia social e econômica, acompanhada de caótico uso do solo e poluição visual (OLIVEIRA et al., 2010). O topocídio, ou a aniquilação deliberada dos lugares, ocorre muitas vezes associada à falta de participação da população no processo decisório (AMORIM FILHO, 1999). O sentimento oposto à topofilia pode ser denominado topofobia, dentro da noção de paisagem do medo (TUAN, 1979), sendo um lugar que pode gerar repugnância, medo e desconforto, constituindo, pois, um local desvalorizado.

Inserido na Geografia Humanista, o conceito de lugar agregou relevantes questões ao estudo das paisagens (FREITAS, 2007). Para Relph (1976), a paisagem como elemento físico é um dos atributos do lugar, interpretada em conjunto com o sentido do lugar. Assim, reconheceu-se que a valorização das paisagens depende tanto de elementos objetivos quanto subjetivos (DANIEL, 2001), sendo também possível identificar significados coletivos atribuídos às mesmas, a partir de percepções individuais compartilhadas (BROWN e RAYMOND, 2007). Segundo Duncan (1990), as pessoas percebem e atribuem significados aos lugares, desenvolvem elos emocionais com os mesmos, e interpretam de maneira altamente subjetiva as paisagens, que estão, não obstante, abarcadas por estruturas sociais mais amplas. Assim, as paisagens são, por um lado, representadas por diferentes mídias (filmes, pinturas, propagandas) e, por outro, consistem em representações de relações vividas (MORIN, 2009). Alimentadas por variadas bases epistemológicas, foram criadas diversas noções de paisagens: paisagem percebida, paisagem, valorizada, paisagem vivida e outras (FREITAS, 2007).

As abordagens cognitivas da paisagem, iniciadas principalmente na década de 1980, são alusivas à Geografia Comportamental (GOLD, 2009). Nessa perspectiva, a maneira como as pessoas enxergam e valorizam a paisagem é, em grande parte, em função do que elas fazem nelas (ITTELSON, 1973). Existe, portanto, uma natureza transacional na interação entre as pessoas e as paisagens (ZUBE et al., 1982). O efeito que o meio físico exerce sobre as pessoas depende de onde as pessoas estão e do que elas fazem, ou seja, localização e atividade são conceitos chave em qualquer análise (GÄRLING e GOLLEDGE, 1993). Para Brown e Raymond (2007, p. 108, tradução do autor²), os seres “humanos são participantes ativos na paisagem – pensando, sentindo e agindo – conduzindo à atribuição de significados e valores às paisagens e lugares específicos”.

A noção de paisagem urbana pode ainda ser associada às abordagens morfológicas. Para Capel (2002) a paisagem pode ser entendida como uma morfologia territorial. A investigação positivista da paisagem urbana permite que esta seja investigada a partir de procedimentos que envolvem sua descrição, categorização e quantificação (BERQUE, 1998). Nesse sentido, a paisagem urbana torna-se, em si, o objeto das investigações (FREITAS, 2007). As abordagens morfológico-funcionais da cidade têm suas raízes na Geografia Tradicional, a exemplo dos trabalhos de Amorim Filho (1973; 2007), vinculado à escola francesa de Geografia.

De maneira geral, os estudos geográficos, a partir da década de 1990, sofreram uma inflexão com a ‘virada cultural’ e, em particular, as pesquisas sobre as paisagens, focadas nas imagens

² "humans are active participants in the landscape—thinking, feeling, and acting—leading to the attribution of meaning and the valuing of specific landscapes and places".

e nos textos, foram ampliadas para apreender as paisagens em termos de ação, processo e movimento, tanto discursivo quanto material (GREGORY et al., 2009).

Ainda existe mérito no estudo de diversos elementos outrora incluídos no âmbito da Geografia Comportamental, mesmo que esta não seja mais considerada uma subdisciplina específica da Geografia (GOLD, 2009). O comportamento humano, no período contemporâneo, é uma preocupação tão aguda dentro da ciência espacial, que raramente é considerada necessária a utilização da antiga ênfase 'comportamental' (JOHNSTON, 2009). As abordagens espaciais, pelo potencial de aplicação que possuem, continuam crescendo em importância, especialmente no contexto urbano.

Todavia, deixaram de se preocupar com a elaboração de leis e teorias determinísticas para se voltarem à compreensão da realidade em termos probabilísticos; o propósito fundamental é gerar descrições rigorosas de realidades complexas, por meio de representações claras, que sugere padrões gerais de comportamento (JOHNSTON, 2009). Atualmente, diferentes agendas de pesquisas, no cerne da 'virada cultural' da Geografia, estão engajadas no estudo do comportamento humano e no processo de cognição, ainda que não explicitem o vínculo com a Geografia Comportamental (GOLD, 2009).

As fronteiras entre as subdisciplinas, outrora traçadas internamente na Geografia, se tornaram embaçadas, à medida que os estudos amalgamaram diferentes correntes epistemológicas. Sendo assim, o presente trabalho dialoga, com maior ou menor intensidade, com todas as abordagens supracitadas, de modo que a metodologia deste estudo, exposta a seguir, reflete essa deliberada abordagem plural.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de atingir os objetivos anunciados na introdução, a pesquisa envolveu fundamentalmente seis etapas metodológicas: 1) seleção espacial da amostra dos residentes e condução das entrevistas estruturadas; 2) organização das respostas em um banco de dados geográfico e proposição de agrupamentos categóricos; 3) mapeamento e análises morfológico-funcionais dos lugares valorizados positivamente e negativamente; 4) análises estatísticas descritivas e estabelecimento de relações entre as variáveis; 5) estudo dos lugares mais referenciados por meio de observações assistemáticas *in loco*. Essas etapas são detalhadamente descritas a seguir.

1) O questionário estruturado contém perguntas sobre características socioeconômicas básicas (sexo, idade, renda familiar, escolaridade) e um levantamento sobre os dois lugares que os respondentes mais gostam e os dois lugares que menos gostam em Diamantina, além de informações sobre as razões para as escolhas e os hábitos que possuem em cada lugar. O entrevistado poderia citar qualquer lugar, dentro da sua própria concepção sobre a extensão geográfica de Diamantina, porém, se sua primeira resposta se referisse a um lugar da zona rural ou periurbana, a segunda deveria se restringir à zona urbana da cidade. Tendo em vista que a pesquisa buscou identificar lugares em comum aos residentes, lugares privados, ou sem abertura ao público, como domicílios particulares e chácaras, não foram considerados válidos.

As 402 entrevistas foram aplicadas entre junho e outubro de 2014. Apenas pessoas acima de 18 anos e com pelo menos dois anos de residência na cidade foram entrevistadas, pois subentende-se que teriam maior conhecimento sobre Diamantina e mais condições de apresentar vínculos consistentes com os lugares. A amostra dos residentes entrevistados foi calculada de acordo com informações do censo demográfico e sua distribuição espacial foi determinada com o auxílio de um mapa elaborado por sensoriamento remoto.

Baseando-se nos dados do censo do IBGE (2010), foram selecionados todos os 46 setores censitários referentes à sede de Diamantina, somados aos quatro setores em áreas não urbanizadas da cidade, ou zonas rurais, mas que possuem edificações adjacentes à zona urbana. Assim, a soma da população de todos estes setores resultou em 33.681 pessoas. Tendo em vista que esta pesquisa abrange apenas habitantes com idade igual ou superior a 18 anos, a população total dos setores supracitados com este perfil etário equivalia, em 2010, a 23.921 pessoas.

A partir da taxa média de crescimento populacional de Diamantina, obtida com base na variação demográfica entre os anos 2000 e 2010, foi feita uma projeção estimada da população

para o ano de 2014, equivalendo, destarte, a 25.164 pessoas³. Portanto, esse valor foi considerado como o universo da pesquisa. O tamanho da amostra aleatória simples da população foi calculada com vista a ter um erro amostral tolerável igual ou inferior a 5%; ou seja, foi admitido, com 95% de probabilidade, que os erros amostrais não ultrapassaram 5%. Empregando a fórmula para o tamanho mínimo da amostra descrita por Barbetta (2008)⁴, foi obtida, como amostra mínima necessária para esta pesquisa, 394 pessoas. Como forma de garantir o alcance dessa meta com segurança, foram entrevistadas 402 pessoas. Em outras palavras, significa que a amostra abrangeu 1,6% da população estudada.

Em ordem de retirar a amostra de toda a população alvo e, desse modo, diminuir possíveis erros de mensuração, os questionários foram distribuídos no território de maneira proporcional à quantidade de pessoas em cada setor censitário. A título de ilustração desse procedimento, dentre as 402 pessoas da amostra, o setor censitário que abrange parte do Bairro Bela Vista, teve nove pessoas entrevistadas, uma vez que possui uma população estimada de 588 habitantes, em 2014, com idade igual ou superior a 18 anos.

Tendo sido estabelecido o número de pessoas a ser entrevistadas em cada setor censitário, a escolha das residências das mesmas foi feita de modo aleatório, com auxílio de um programa de computador e da base cartográfica que contém as residências da sede de Diamantina, elaborada para subsidiar esta pesquisa. Utilizou-se o pacote estatístico SPSS para atribuir um número aleatório (*random*) para cada casa, de cada setor censitário. Assim, as entrevistas foram conduzidas nas casas que aleatoriamente receberam os maiores valores pelo *software* (Figura 1).

2) A segunda etapa da pesquisa envolveu a organização de todas as respostas dos 402 entrevistados em um banco de dados no software Microsoft Excel, compatível com os softwares ArcGIS, para as análises espaciais, e SPSS, para as análises estatísticas. Com o auxílio desses programas, foram propostos agrupamentos categóricos de modo a facultar as análises sintéticas. As motivações da escolha dos lugares pelos entrevistados foram inicialmente classificadas a partir de adaptações ao agrupamento proposto por Brown e Raymond (2007), modelo que denominaram de 'vínculo com o lugar baseado em mapa'. Assim, as razões das respostas relacionadas aos lugares apreciados foram classificadas em 5 categorias⁵, e aquelas relativas aos lugares negativamente valorizados foram agrupadas em 11 categorias⁶.

3) Os lugares citados pelos residentes entrevistados foram mapeados e esta informação espacial foi acrescida ao banco de dados. Diferentes mapas foram elaborados em ordem de evidenciar os padrões de distribuição espacial dos lugares valorizados positivamente e negativamente. Desse modo, também foi possível identificar a qual zona morfológico-funcional os lugares pertencem, com base em estudo anterior do autor (VARAJÃO, 2015), que envolveu o mapeamento das zonas central, pericentral, periférica contínua, periférica descontínua, periférica descontínua desorganizada e periurbana de Diamantina (Figura 2)⁷. O local de

³ Sabe-se que a taxa de crescimento demográfico do município não é igual para os setores censitários. Todavia, diante da inexistência de dados mais precisos, optou-se por utilizar essa forma de extrapolação, apesar das deficiências, por ser melhor do que admitir que a população recenseada em 2010 seria a mesma em 2014.

⁴ Segundo Barbetta (2008, p. 58): $n = (N \cdot n_0) / (N + n_0)$ - Onde N é o tamanho, número de elementos, da população; n é o tamanho, número de elementos da amostra; n_0 é uma primeira aproximação para o tamanho da amostra.

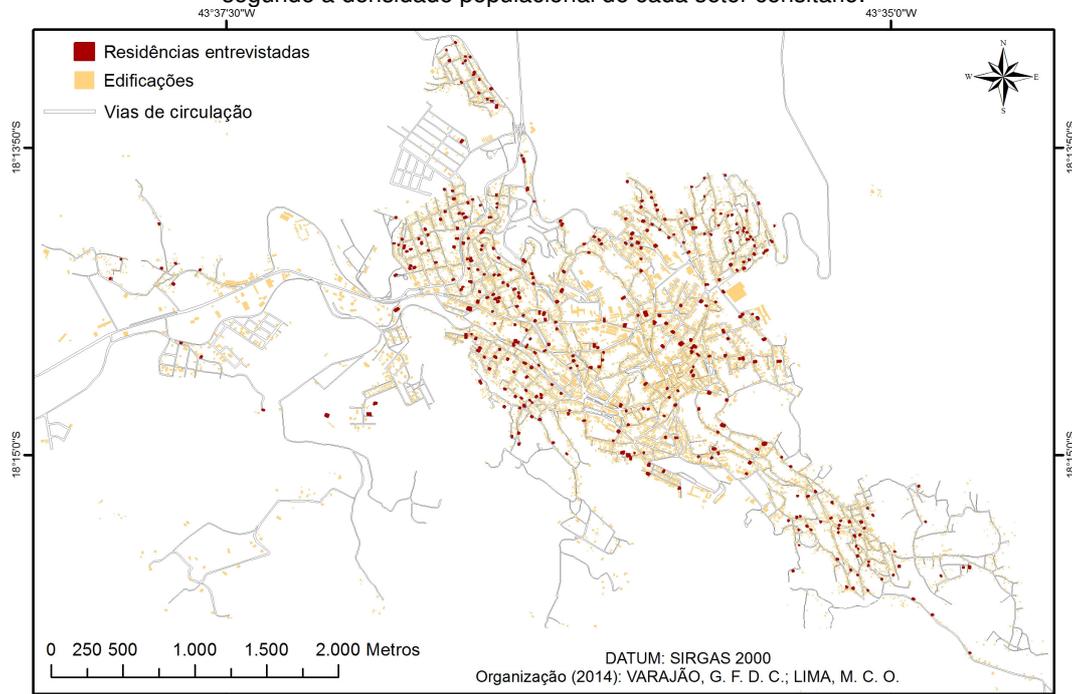
⁵ 1) Estético / ambiental / patrimonial (intrínseco); 2) Espiritual / Religioso; 3) Lazer / Esporte / Convívio social; 4) Econômico / Comercial; 5) Recordações / Conexões de amizade/familiares

⁶ 1) Mau Atendimento / Serviço ruim (privado e público); 2) Área Considerada Remota / Distante / Lugar fora do Cotidiano; 3) Infraestrutura Precária ou Pouca / Serviços Urbanos Ausentes ou Poucos (Público); 4) Insegurança / Criminalidade / Uso de Drogas; 5) Problemas Ambientais / Desordem Urbana; 6) Condições ambientais adversas (clima, topografia, vegetação, etc.); 7) Más recordações / sentimentos desagradáveis / outro motivo pessoal; 8) Tumultos / Barulho / Tipo de pessoas que frequentam (em Festas e Bares); 9) Exclusão Social (poder econômico); 10) Problemas decorrentes do excesso de movimento (trânsito, dificuldade de acesso, aglomeração de pessoas, barulho / agitação); 11) Local Deteriorado e, ou considerado feio.

⁷ O mapeamento morfológico-funcional de Diamantina foi construído com base no modelo proposto por Amorim Filho (1973; 2007), inspirado nos estudos desenvolvidos para as cidades médias francesas na década de 1970 e adaptado para a realidade de Minas Gerais. Trata-se de uma abordagem que discerne diferentes zonas da cidade de acordo com semelhanças paisagísticas e dinâmicas de funcionamento. A zona central converge a maior parte dos serviços e comércio da cidade, sendo uma área compacta, com tendência à verticalização, onde há intensa movimentação de pessoas e pouca função residencial. A zona pericentral é extensa espacialmente, com função residencial predominante, e conta com a presença de subcentros especializados ou polifuncionais. A zona periférica da cidade tem

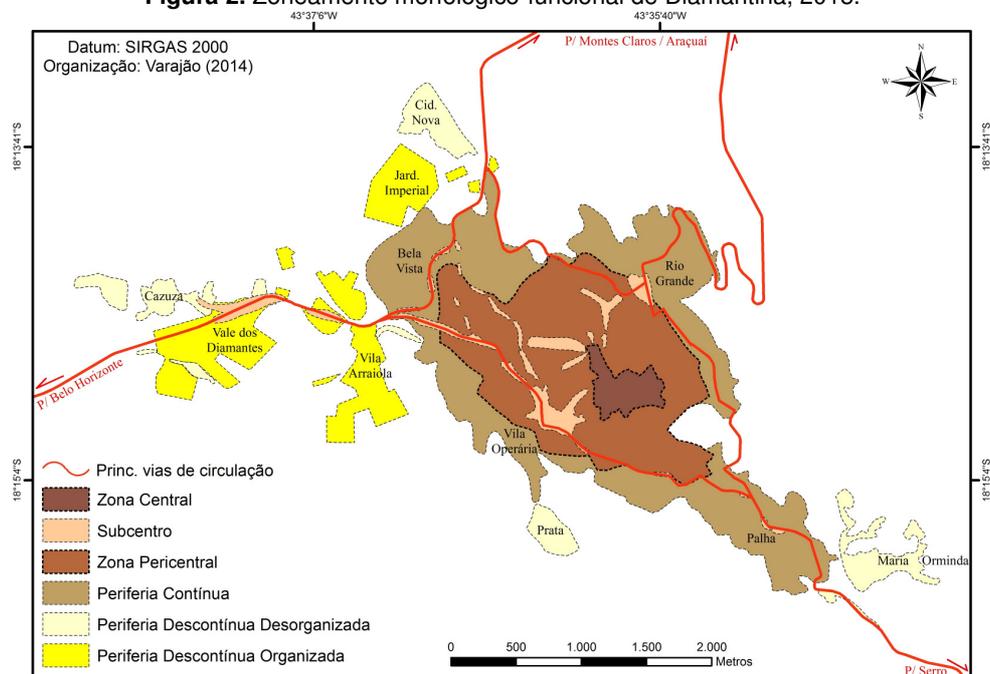
residência dos entrevistados foi igualmente classificado segundo as zonas supracitadas, de maneira a facultar, em momento posterior, a identificação de relações.

Figura 1. Mapa da sede de Diamantina identificando as 402 residências aleatoriamente selecionadas, segundo a densidade populacional de cada setor censitário.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2. Zoneamento morfológico-funcional de Diamantina, 2015.



Fonte: Elaborado pelo autor.

dois tipos: contínua e descontínua, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou "vilas" (desorganizadas), podendo haver subcentros polifuncionais bem modestos e, ou alguns subcentros especializados. A zona periurbana é uma zona de transição urbano-rural mais ou menos extensa, que apresenta alguns equipamentos terciários pontuais (AMORIM FILHO, 2007).

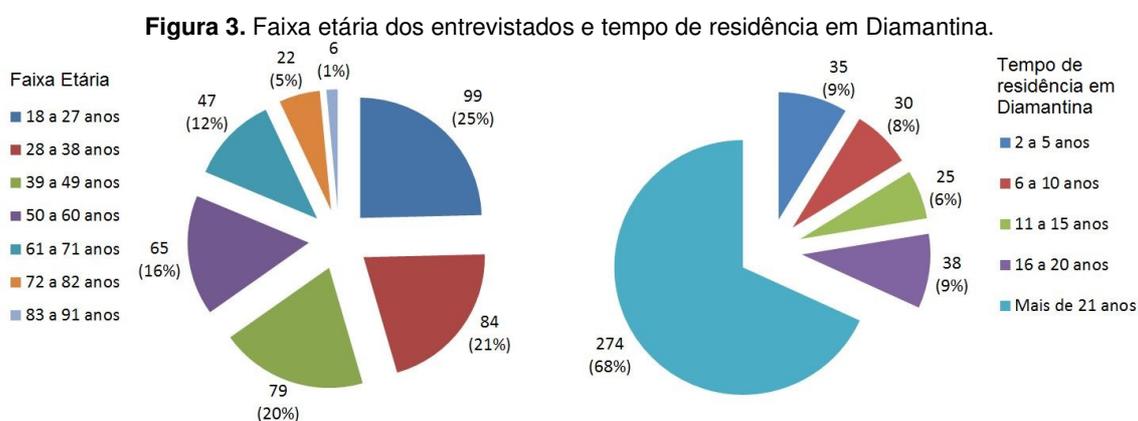
4) As análises estatísticas a caracterização da população amostrada e, posteriormente, identificação das variáveis mais explicativas para os comportamentos e as preferências espaciais. Além da observação das frequências de respostas mais relevantes, diferentes variáveis foram associadas, a fim de encontrar relações significativas entre as mesmas. Foram gerados diversos gráficos que demonstram a associação de duas ou mais variáveis como, por exemplo, lugares citados e faixa de renda dos entrevistados.

5) A última etapa da pesquisa envolveu o estudo, por meio de observações assistemáticas *in loco*, dos lugares valorizados mais referenciados. Portanto, visou confirmar os motivos, que poderiam não ter sido explicitados nas entrevistas, pelo qual as pessoas elegeram lugares específicos com maior frequência. A paisagem desses lugares foi estudada, ainda sob o olhar especialista da abordagem morfológico-funcional, identificando suas dinâmicas e seus principais elementos, com o auxílio de registros fotográficos. Sob o paradigma experiencial, a interação humana com a paisagem também foi analisada (ZUBE et al., 1982), em busca dos modos em que os lugares são valorizados, segundo as atividades ali desenvolvidas pelas pessoas. Trata-se, pois, de uma abordagem qualitativa (CHIAPETTI, 2010), envolvendo o contato contínuo e diretos dos pesquisadores residentes (HERBERT et al., 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior parte dos 402 respondentes desta pesquisa é do sexo feminino, tendo em vista que foram entrevistadas 264 mulheres (65,7%) e 138 homens (34,3%). Em pesquisa semelhante com moradores de Diamantina, Menezes (2014) também entrevistou mais pessoas do sexo feminino, resultado possivelmente relacionado à forma de abordagem de ambas as pesquisas, que entrevistaram pessoas em suas residências.

Conforme se pode observar na Figura 3, foram entrevistadas pessoas de todas as faixas etárias acima de 18 anos. As pessoas entre 18 e 38 anos de vida formam a parte mais expressiva da amostra, equivalendo a 183 pessoas (45,5%). A maioria absoluta dos respondentes, 68%, mora há mais de 21 anos em Diamantina e apenas 17% mora há 10 anos ou menos, ressaltando que não foram entrevistadas pessoas com menos de dois anos de residência na cidade.



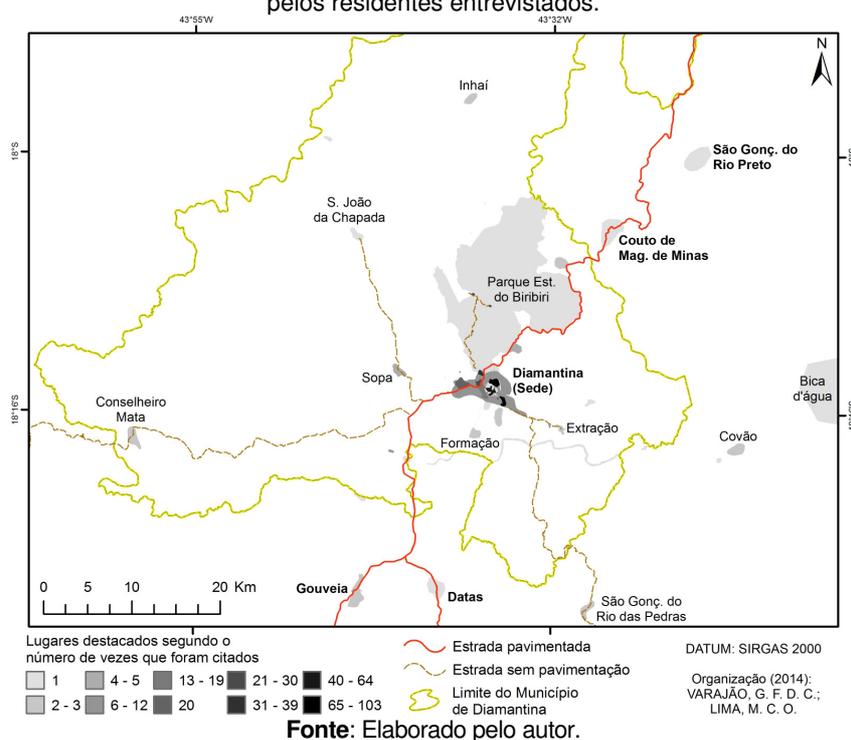
Em relação à renda familiar, as faixas de renda de até três salários mínimos⁸ (R\$ 2.172) compõem a parcela mais expressiva da amostra que, em conjunto, equivalem a 73,6% dos entrevistados (296 pessoas). 80 respondentes (19,9%) declaram possuir renda entre três e nove salários mínimos (entre R\$ 2.172 e 6.516) e 26 pessoas (6,5%) têm renda superior a esta faixa. De maneira geral, foi identificada uma relação positiva entre renda e escolaridade, na qual as pessoas com menos anos de estudo possuem tendência a apresentar menor renda.

Os entrevistados citaram 285 lugares diferentes, considerando todas as respostas das pessoas sobre os locais mais apreciados e negativamente valorizados. Levando em conta que cada

⁸ O salário mínimo em 2014 equivalia a R\$ 724,00.

peessoa foi estimulada a apontar dois lugares que gosta e dois lugares que não gosta, 1.608 lugares teriam sido citados pelos 402 respondentes se cada um houvesse indicado um lugar singular em cada uma das quatro respostas. Isso não ocorreu devido a vários motivos. Primeiramente porque 38 pessoas não souberam especificar mais do que dois ou três lugares, dentre os quatro que a pesquisa demandou. Muitos lugares foram citados com maior frequência, destacando-se em relação aos demais. A Figura 4 representa o mapa dos lugares apontados e o número de vezes em que foram citados.

Figura 4. Lugares valorizados de Diamantina, destacados segundo o número de vezes que foram citados pelos residentes entrevistados.



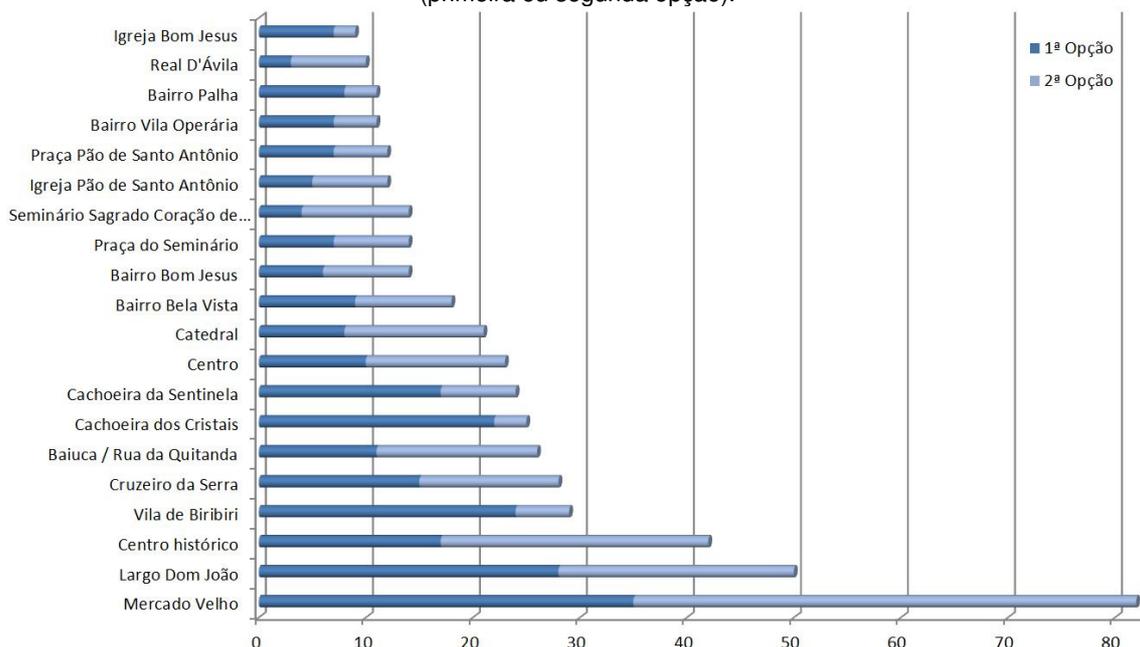
Ainda, 44 lugares referenciados não pertencem às imediações da sede de Diamantina e, dentre os mesmos, nove sequer pertencem ao mesmo município. Lugares citados em municípios como Couto de Magalhães de Minas e Gouveia podem ter sido associados ao município de Diamantina pela proximidade com a cidade e pelo fato de terem sido fruto de desmembramentos nas últimas décadas. Não obstante, é na sede de Diamantina que se concentra a maior parte dos lugares, que reúne 241 diferentes lugares (84,6%).

Dentre os lugares que as pessoas mais apreciam, ao todo, foram citados 194 lugares diferentes, sendo que, dentre os mesmos, 106 foram mencionados apenas uma vez. De maneira geral, 73,4% dos entrevistados têm o hábito de frequentar o lugar estimado citado uma ou mais vezes por semana, sendo que 48,6% costumam fazê-lo aos finais de semana. A Figura 5 representa a lista dos lugares positivamente valorizados que foram citados nove ou mais vezes.

O Mercado Velho, situado na Praça Barão do Guaicuí, foi o lugar mais referenciado, apreciado por 10,2% dos respondentes (82 pessoas). O Largo Dom João ocupa a segunda posição, com 50 pessoas que o citaram, seguido pelo centro histórico, nomeado por 42 pessoas, e pela Vila do Biribiri, que recebeu 29 menções. As cachoeiras dos Cristais e da Sentinela foram elencadas como lugares estimados por, respectivamente, 25 e 24 pessoas.

Os 20 lugares mais apreciados também foram diferenciados segundo a ordem em que foram citados, ou seja, se mencionados como primeira ou segunda opção. Os lugares que mais se destacaram, como primeira opção de escolha, foram a Cachoeira dos Cristais (88%), a Vila do Biribiri (83%), a Igreja do Bom Jesus (78%) e a Cachoeira da Sentinela (71%). Dentre os lugares que foram mais citados como segunda alternativa estão o Seminário Sagrado Coração de Jesus (71%), o restaurante Real D'Ávila (70%) e a Catedral (62%).

Figura 5. Lugares apreciados classificados segundo o número de citações e a ordem de menção (primeira ou segunda opção).



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 6 ilustra a localização geográfica dos lugares mais apreciados de Diamantina pelos entrevistados. A área de abrangência da figura, incluindo a perspectiva bidimensional (que contém as cachoeiras e a Vila do Biribiri), foi o suficiente para abarcar todos os lugares citados na pesquisa por quatro ou mais pessoas, exceto a Gruta do Salitre e o Distrito Guinda, que foram mencionados seis e cinco vezes, respectivamente.

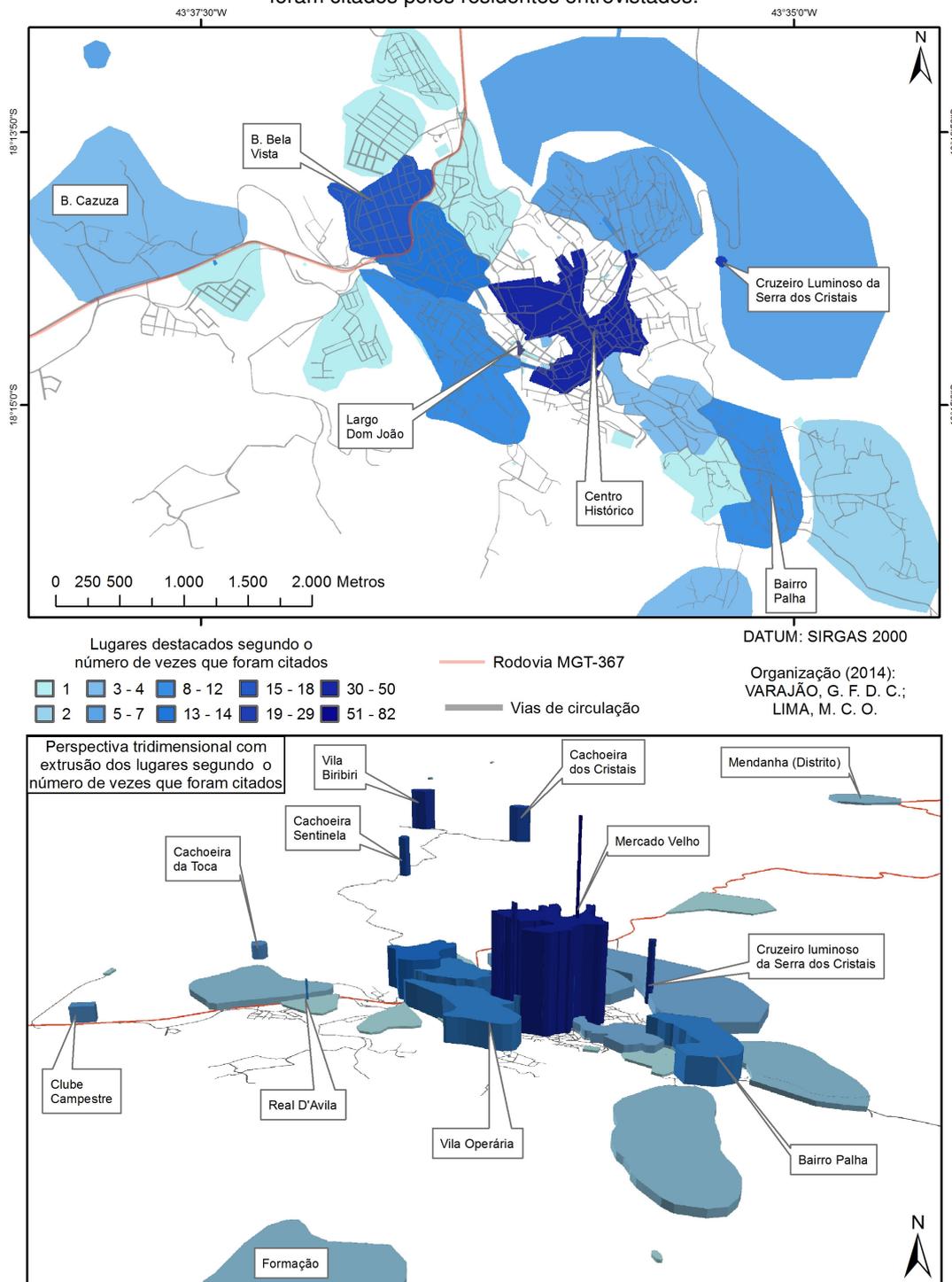
Assim, é possível perceber que a área central da cidade é o local que mais se destaca, tendo concentrado 32,1% das respostas, acompanhada pela zona pericentral, que recebeu 26% das menções. É necessário ressaltar o relevante desempenho dos lugares na zona periurbana, que aglutinou 24,7% das citações, com ênfase para certos lugares como o mirante do cruzeiro luminoso da Serra dos Cristais e as cachoeiras. Em menor intensidade, mas com significativa saliência, com 13,7% das respostas, estão representados os bairros periféricos contínuos, como Bela Vista, Bom Jesus⁹, Vila Operária e Palha. As zonas periféricas descontínuas de Diamantina receberam poucas referências enquanto lugares apreciados, tendo somado apenas 3% das respostas.

Relacionando a zona-morfológico-funcional dos lugares com a faixa de renda dos entrevistados que os citaram, percebeu-se que pessoas com maior renda (acima de seis salários mínimos) concentraram suas respostas principalmente nas áreas central e periurbana, enquanto as pessoas com menor renda (até três salários mínimos) foram as principais responsáveis por citar lugares pertencentes às zonas periféricas contínuas e descontínuas (Figura 7). A Figura 8 mostra os 20 lugares positivamente valorizados mais citados, classificados de acordo com a faixa de renda dos entrevistados.

Assim sendo, os gráficos se complementam, mostrando que lugares como o Mercado Velho e a Rua da Quitanda, na zona central, e a Vila do Biribiri, na zona periurbana, são particularmente apreciados por pessoas com renda mais elevada, ainda que não exclusivamente. Por outro lado, os bairros periféricos, como Palha, Bom Jesus e Bela Vista, foram citados somente por pessoas com renda igual ou inferior a seis salários mínimos. Esses bairros são valorizados por motivos diferentes daqueles relativos aos lugares centrais e aos atrativos naturais.

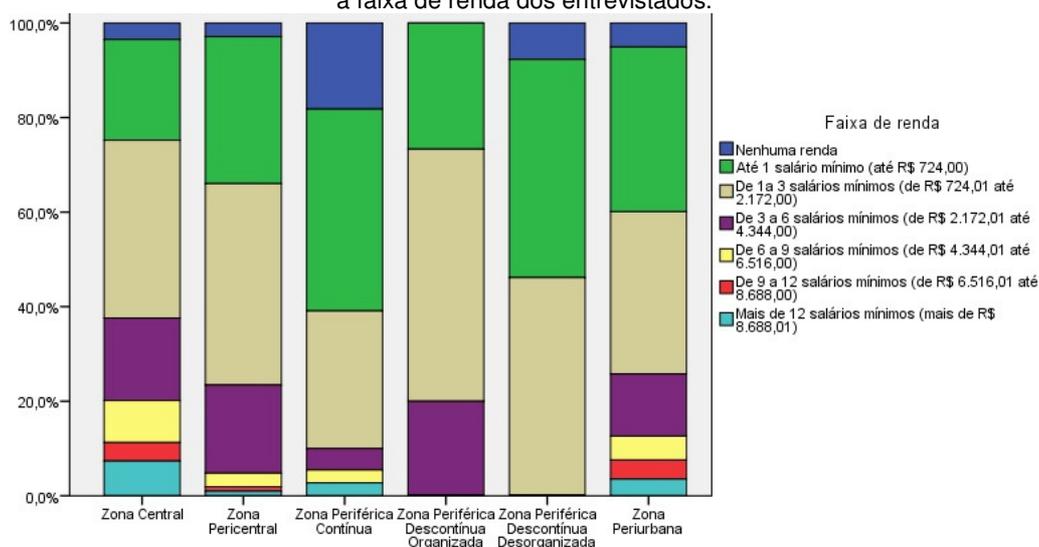
⁹ O Bairro Bom Jesus está na zona de transição entre as zonas pericentral e periférica contínua.

Figura 6. Lugares positivamente valorizados de Diamantina, destacados segundo o número de vezes que foram citados pelos residentes entrevistados.



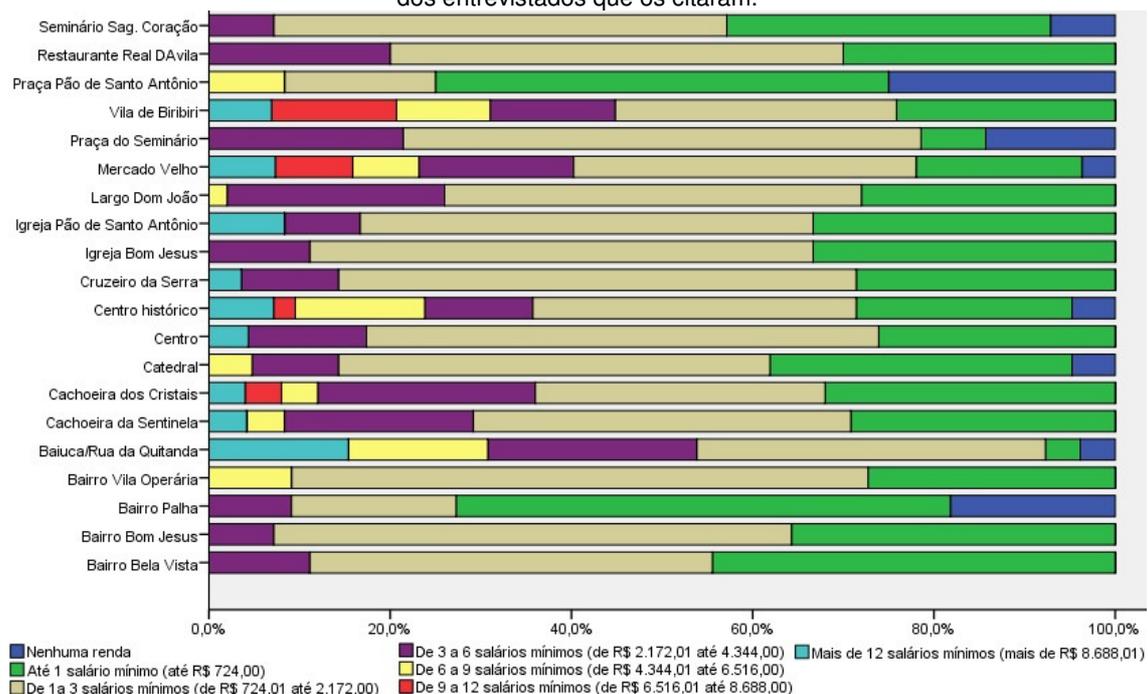
Os bairros pericentrais e periféricos anteriormente citados são estimados, principalmente, pelos próprios residentes destas áreas devido aos elos afetivos estabelecidos, geralmente associados a recordações de vivências ou a relações familiares e, ou de amizade. Segundo Knox e Pinch (2010), sentimentos semelhantes estão relacionados à ideia de territorialidade, especialmente desenvolvida pelos indivíduos após residir de modo prolongado em determinado local. Trata-se do que Tuan (1976) chamou de geopedade, ou o sentimento de quase reverência ao local de moradia. Portanto, o fato de esses bairros serem bastante populosos também contribuiu para desvendar a razão pela qual foram citados com maior frequência.

Figura 7. Zona morfológico-funcional dos lugares positivamente valorizados, diferenciadas de acordo com a faixa de renda dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 8. Lugares positivamente valorizados de Diamantina diferenciados de acordo com a faixa de renda dos entrevistados que os citaram.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando todos os lugares positivamente valorizados mencionados, 53% dos motivos das escolhas estiveram relacionadas às práticas de lazer, esporte ou convívio social. As cachoeiras foram particularmente citadas por proporcionarem atividades de lazer e esporte. As áreas naturais não são apenas estimadas devido à sua escassez dentro da sede de Diamantina, mas pode-se dizer que também são importantes para a redução do stress e para a restauração psicológica dos seus residentes, sendo peculiarmente apreciadas nas sociedades urbanizadas (BERG et al., 2007).

Tendo em vista a carência de áreas para a recreação em Diamantina, frequentemente apontada pelos entrevistados, algumas praças e largos são muito valorizadas, mesmo não sendo muito extensas. A Praça Barão do Guaicuí, a Praça do Largo Dom João, a Praça do

Seminário e a Praça do Pão de Santo Antônio são exemplos de locais frequentemente citados por motivos ligados às atividades de lazer e de convívio social, as três últimas sendo especialmente mais significativas para as pessoas com menor renda familiar.

Os templos religiosos foram principalmente valorizados positivamente pela importância espiritual atribuída, em especial, pelos residentes entrevistados com renda familiar baixa e média. Ressalta-se que alguns templos, como a Catedral e a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, sobressaem-se também pelos seus apreciados atributos estéticos. O centro histórico foi sobretudo citado por motivos relacionados à sua beleza e valor patrimonial, valores expressados pelos residentes que somam-se ao reconhecimento que entidades de preservação, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), também conferem a essa área da cidade.

Por razões relacionadas às atividades econômicas, ligadas muitas vezes a vínculos de trabalho e atividades comerciais do cotidiano dos habitantes, a área central de Diamantina foi muito citada como local positivamente valorizado, assim como certas áreas pericentrais e periféricas que apresentam subcentros relevantes, como o Largo Dom João e o Bom Jesus, locais que também acolhem feiras de produtos de hortifrúti em certos dias da semana.

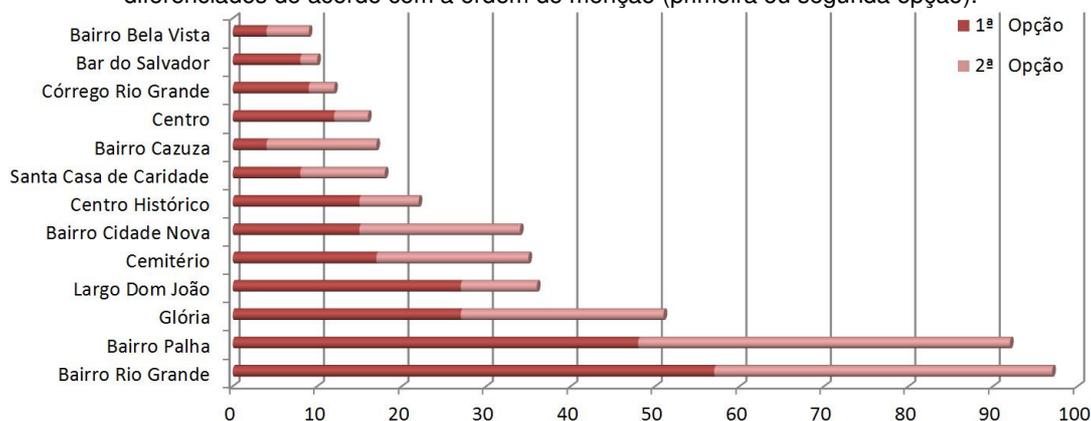
Com características e motivos bastante diferentes, os lugares que as pessoas não gostam foram menos numerosos e diversificados do que os estimados lugares anteriormente analisados. Ao todo, foram nomeados 156 distintos lugares que promovem descontentamento aos residentes; dentre os mesmos, 75 lugares foram mencionados somente uma vez. 45,8% dos lugares citados pelos residentes nunca foram, ou foram poucas vezes na vida, frequentados pelos mesmos.

Portanto, observou-se que parte das respostas foi influenciada por outros fatores além da experiência direta do residente com os lugares apontados. Segundo Gold (2009), muitos indivíduos costumam ter opiniões formadas a respeito de determinados lugares, às vezes sem jamais tê-los visitado, com base em informações derivadas de outras pessoas, da mídia ou por meio de estereótipos culturais predeterminados.

É interessante frisar que 37 pessoas não souberam apontar ao menos um ou dois lugares negativamente valorizados; ou seja, constatou-se uma dificuldade maior de obter respostas claras relacionadas aos lugares não apreciados. Resultados semelhantes foram apontados por Amorim Filho (1999, p.145), sugerindo que a inibição dos entrevistados pode ser reflexo da falta do hábito de “refletir sobre lugares e paisagens capazes de provocar sentimentos de repulsa, desconforto e medo”. São emoções que costumam ser reprimidas por certos indivíduos.

Em Diamantina, apenas 13 lugares foram citados por nove ou mais pessoas, conforme exposto pela Figura 9. Contudo, a despeito das abstenções, dois lugares em particular foram citados mais vezes do que qualquer outro lugar de alta estima. Os bairros Rio Grande e Palha foram apontados como lugares imbuídos de sentimentos negativos, nesta ordem, por 97 e 92 pessoas. A área do Glória, pertencente ao bairro Rio Grande, também foi muito citada (51 pessoas), seguida pelo Largo Dom João (36 pessoas) e pelo Cemitério (35 pessoas).

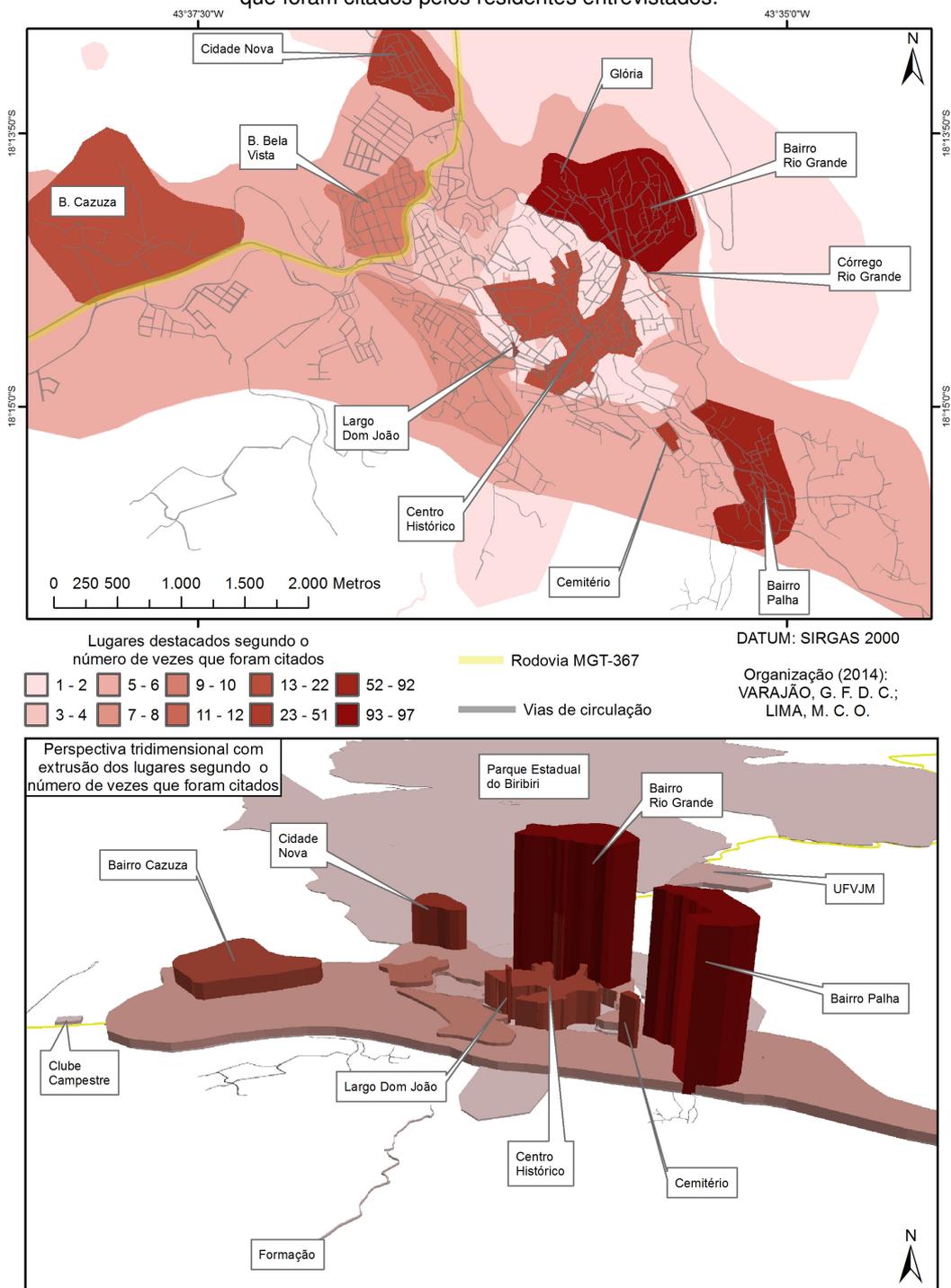
Figura 9. Lugares negativamente valorizados, classificados segundo o número de citações, e diferenciados de acordo com a ordem de menção (primeira ou segunda opção).



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 10 ilustra a distribuição geográfica em Diamantina dos lugares que os residentes entrevistados declararam não gostar. A área de abrangência representada pela figura abarca todos os lugares citados na pesquisa por três ou mais pessoas. Apenas 3% das respostas apontaram lugares negativamente valorizados situados na zona periurbana, quer dizer, fora da sede do município. A maior parte das respostas (51%) está relacionada a lugares centrados na zona periférica contínua, sendo que outros 11,9% dos retornos apontaram lugares situados na zona periférica descontínua desorganizada. Por sua vez, a zona central reuniu 11,9% das referências dos respondentes, e a zona pericentral agrupou 21%.

Figura 10. Lugares negativamente valorizados de Diamantina, destacados segundo o número de vezes que foram citados pelos residentes entrevistados.

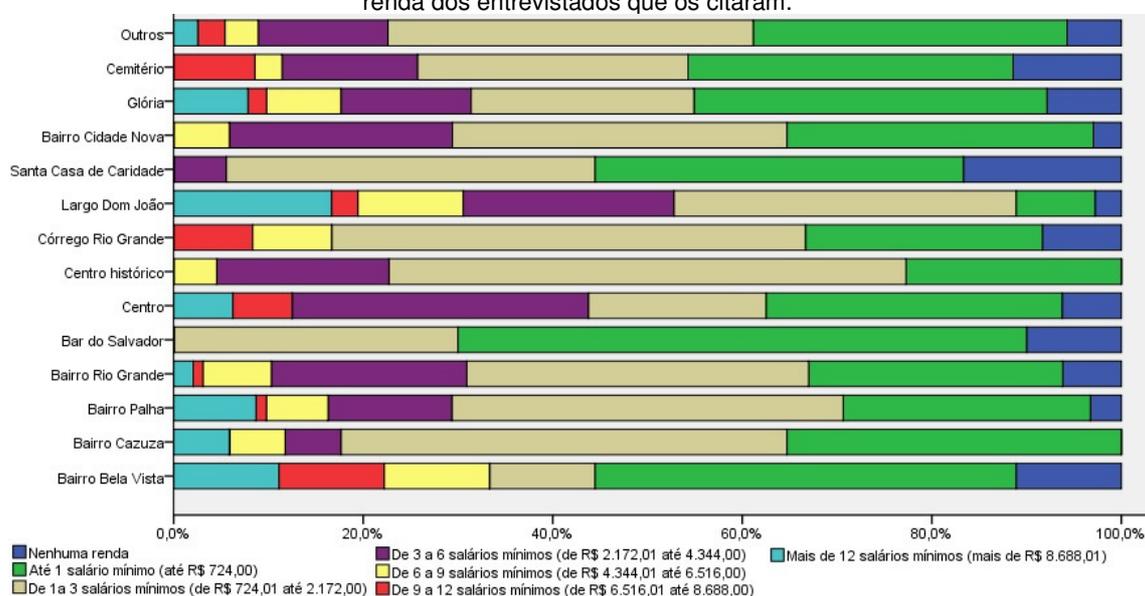


Fonte: Elaborado pelo autor.

A zona central e o Largo Dom João corresponderam à primeira opção de 75% dos entrevistados que citaram esses lugares, o que indica um elevado nível de rejeição. O principal motivo de essas áreas terem sido apontadas se deve aos problemas decorrentes do excesso de pessoas nesses lugares durante os horários comerciais, promovendo dificuldade de acesso e mobilidade, com congestionamentos e trânsito caótico que trazem insegurança aos pedestres, além da agitação e dos barulhos existentes. Relativos à área central, em geral, e à Rua da Quitanda, em particular, foram manifestados sentimentos negativos de exclusão social por forças econômicas.

A Figura 11 apresenta a relação entre os lugares negativamente valorizados e a faixa de renda dos entrevistados que os citaram. Apenas a Santa Casa de Caridade e o Bar do Salvador não foram citados por residentes com renda superior a seis salários mínimos. Talvez seja porque exista um menor número de residentes com renda elevada nas imediações desse bar, ao mesmo tempo em que não se trata de um local muito frequentado por essa parcela da população. Em relação à Santa Casa, as pessoas com maior renda não dependem tanto deste centro de saúde. Existem outros serviços médicos na cidade acessíveis a pessoas que tenham recursos financeiros para comprá-los.

Figura 11. Lugares negativamente valorizados de Diamantina diferenciados de acordo com a faixa de renda dos entrevistados que os citaram.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O lugar que se destacou por ser proporcionalmente citado por um maior número de pessoas, com renda familiar acima de três salários mínimos, foi o Largo Dom João. Segundo o que foi anteriormente revelado, trata-se de um lugar com problemas de trânsito e com forte fluxo de pessoas durante o dia, o que incomoda particularmente os entrevistados com nível socioeconômico mais elevado. Ainda que em menor grau, a zona central apresentou a mesma tendência.

De maneira geral, foi identificada uma importante relação entre as zonas morfológico-funcionais da cidade e os lugares valorizados positiva e negativamente. A tabela 1 sintetiza essa comparação, explicitando que as respostas referentes aos lugares estimados se concentraram nas áreas central, pericentral e periurbana, enquanto os lugares negativamente valorizados estão localizados na zona pericentral e, sobretudo, na zona periférica contínua.

Apesar de ter sido apontado apenas por 1,7% dos entrevistados, a exclusão social de parte da população da área central pelo poder econômico é, todavia, um latente conflito. Percebeu-se que as pessoas com maior renda familiar apontaram muito mais lugares estimados situados na área central do que na área periférica. Pesquisas de outros autores já abordaram esse tema, a exemplo do estudo de Costa (2009), sobre os investimentos na área central pelo programa Monumenta, os trabalhos de Guimarães (2006), Souza (2008) e Alves e Nascimento (2014),

sobre a segregação da população residente nos eventos da Vesperata, que acontecem na Rua da Quitanda, e a pesquisa de Lacerda et al. (2012) que apontou alguns sentimentos topofóbicos sobre as construções barrocas de Diamantina. Assim, é um problema que está, de certa forma, relacionado à valorização negativa das áreas periféricas da cidade, que concentraram 63,8% das respostas.

Tabela 1. Proporção da distribuição das respostas sobre os lugares valorizados entre as zonas morfológico-funcionais de Diamantina.

Zona Morfológico-Funcional	Lugares Valorizados	
	Positivamente	Negativamente
Zona Central	32,1 %	11,9 %
Zona Pericentral	26,0 %	21,0 %
Zona Periférica Contínua	13,7 %	51,0 %
Zona Periférica Descontínua Organizada	1,9 %	0,9 %
Zona Periférica Descontínua Desorganizada	1,6 %	11,9 %
Zona Periurbana	24,7 %	3,1 %

As informações demonstram uma relação diametralmente oposta entre a regularidade de frequência dos entrevistados nos lugares positiva e negativamente valorizados. De maneira geral, os lugares estimados são visitados com muito maior frequência do que os lugares que causam desconforto, conforme sintetiza a Tabela 2.

Tabela 2. Regularidade que os entrevistados frequentam os lugares citados.

Frequência	Lugares Valorizados	
	Positivamente	Negativamente
Nunca foi	0,5	8,4
Quase nunca (foi poucas vezes na vida)	3,9	37,4
Pouco (até 11 vezes ao ano)	22,2	27,2
Regularmente (entre 1 e 4 vezes por mês)	38,5	12,3
Muito (2 ou mais vezes por semana)	35,0	14,7

Ainda, a pesquisa identificou diferentes graus de dificuldade dos respondentes para citar lugares específicos. Constatou-se maior impedimento para obter respostas claras e objetivas relacionadas aos lugares negativamente valorizados, ao contrário do que foi verificado para os lugares apreciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto neste trabalho, diferentes abordagens geográficas, com ênfases no comportamento humano e na interação das pessoas com o ambiente, surgiram na segunda metade do século XX. Este estudo, sobre a valorização dos lugares de Diamantina, se beneficiou dos múltiplos aportes teóricos e metodológicos dessas diversas correntes do pensamento, mesmo que algumas delas tenham sido descontinuadas, ou deixaram de dominar as pesquisas geográficas.

A despeito do ambiente urbano ser valorizado muitas vezes de maneira subjetiva pelos habitantes, diversos lugares específicos foram referenciados repetidas vezes. A frequência em que certos lugares foram mencionados indica que existem algumas visões compartilhadas entre os residentes entrevistados. Em casos específicos, o perfil socioeconômico dos entrevistados pôde ser tomado como um dos fatores explicativos para as respostas em comum.

O trabalho demonstra uma importante relação entre as zonas morfológico-funcionais da cidade e os lugares valorizados positiva e negativamente. As respostas referentes aos lugares positivamente valorizados se concentraram principalmente sobre as áreas central, pericentral e periurbana. Por outro lado, as respostas que apontam lugares negativamente valorizados se concentraram, sobretudo, sobre as áreas periféricas.

Por fim, deve-se apontar algumas limitações relativas à capacidade de explicação das características morfológico-funcionais da cidade para as preferências coletivas manifestadas. Muitas respostas foram formuladas com base em motivos altamente pessoais e subjetivos, que não têm relações diretas com a estrutura da cidade. As conexões familiares e, ou de amizade e certas recordações que os residentes possuem são exemplos claros. São fatos que podem ser mais bem explicados pelas abordagens humanistas da Geografia. Futuras pesquisas semelhantes, em diferentes cidades, poderão confirmar se irá se repetir o padrão de distribuição espacial identificado pelo presente trabalho; quer dizer, se haverá uma relação similar entre os lugares valorizados e as zonas morfológico-funcionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisas (FAPEMIG) do Estado de Minas Gerais pelo financiamento deste trabalho. Agradecemos a participação dos estudantes da UFVJM na coleta de dados e na montagem do banco de informações.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. C.; NASCIMENTO, A. F. Controvérsias Analíticas sobre a Turistificação da Musicalidade Diamantinense: o caso das Vesperatas. **Revista Cenário** (UNB), v. 2, p. 123-139, 2014.

AMORIM FILHO, O. B. **Contribution a l'étude des villes moyennes au Minas Gerais: Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais**. Bordeaux. Tese (Doutorado em Geografia). Bordeaux: Université de Bordeaux III. 1973.

_____. O Contexto Teórico do Desenvolvimento dos Estudos Humanísticos e Perceptivos na Geografia. In: AMORIM FILHO, O. B.; CARTER, H.; KOHLSDORF, M. E (Org.). **Percepção Ambiental: Contexto teórico e aplicações ao tema urbano**. Belo Horizonte: Instituto de Geociências – UFMG, Publicação Especial n. 5, 1987. p. 09-20.

_____. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental - A Experiência Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel-UFScar, 1999, v. 1, p. 139-152.

_____. Um modelo de zoneamento morfológico-funcional do espaço intra-urbano das cidades médias de Minas Gerais. In: AMORIM FILHO, O. B.; FILHO, N. S. (Org.). **A morfologia das cidades médias**. 2. ed. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. p. 32 – 80.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

BELL, S. Mental Maps. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (Orgs). **International Encyclopedia of Human Geography**. Volume 7. Amsterdam: Elsevier Ltda., 2009. p. 70 – 75.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 83-89.

BLACK, A.; LILJEBLAD, A. **Integrating social values in vegetation models via GIS: The Missing Link for the Bitterroot National Forest**. Missoula: Aldo Leopold Wilderness Research Institute. 2006. Relatório Final de Pesquisa.

BROWN, G. Mapping landscape values and development preferences: A method for tourism and residential development planning. **International Journal of Tourism Research**, v. 8, n. 2, p. 101-113, 2006.

BROWN, G.; RAYMOND, C. The relationship between place attachment and landscape values: Toward mapping place attachment. **Applied Geography**, v. 27, p. 89-111, 2007.

BUTTNER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, p. 277-292, 1976.

CAPEL, H. **La morfología de las ciudades**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.

CHIAPETTI, R. J. N. Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 139-162, 2010.

- CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1985.
- COSTA, E. B. **A dialética da construção destrutiva na consagração do Patrimônio Mundial**: o caso de Diamantina (MG). Dissertação (Mestrado em Geografia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2009.
- CRESSWELL, T. **Place**: a short introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- DANIEL, T. C. Whither Scenic Beauty? Visual Landscape Quality Assessment in the 21st Century. **Landscape and Urban Planning**, v. 54, p. 267-281, 2001.
- DUNCAN, J. **The City as Text**: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandyan Kingdom. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- FREITAS, J. M. F. **Paisagem urbana**: uma abordagem geográfica contemporânea. Tese (Doutorado em Geografia - Trat. da Info. Espacial). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2007.
- GÄRLING, T.; GOLLEDGE, R. G. **Behavior and environment**: Psychological and Geographical Approaches. Amsterdam: North-Holland, 1993.
- GOLD, J. R. Behavioral Geography. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (Org.). **International Encyclopedia of Human Geography**. Volume 1. Amsterdam: Elsevier Ltda., 2009. p. 282 – 293.
- GONZALEZ BERNALDEZ, F. Applying Landscape Perception by the Public to Urban Planning: The Spanish MAB Experience. In: International Experts Meeting on Urban Planning (MAB), 1984, Suzdal. **Anais...** Suzdal: Man and Biosphere, 1984. 9 p.
- GOULD, P.; WHITE, R. **Mental Maps**. Harmondsworth: Penguin Books, 1974.
- GREGORY, D.; et. al. **The Dictionary of Human Geography**. 5. ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.
- GUIMARÃES, E. P. **Estudo dos impactos causados pelo turismo de eventos culturais em localidades turísticas**: o caso da Vesperata em Diamantina – MG. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente). Belo Horizonte: Centro Universitário UNA. 2006.
- HALL, T. **Urban Geography**. 2. ed. London: Routledge, 2001.
- HERBERT, S.; GALLAGHER, J.; MYERS, G. Ethnography and Fieldwork. In: CASTREE, N.; ROGERS, A.; SHERMAN, D. (Org.). **Questioning Geography**: Fundamental Debates. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005. p. 226-240.
- HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.
- _____. Minas Gerais » Diamantina » Infográficos: Despesas e receitas orçamentárias e PIB (2012). Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 22 de novembro de 2015.
- ITTELSON, W. H. Environment perception and contemporary perceptual theory. In: ITTELSON, W. H. (Org.). **Environment and Cognition**. New York: Seminar Press, 1973. p. 1-19.
- JOHNSTON, R. Spatial Science In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (Org.). **International Encyclopedia of Human Geography**. Amsterdam: Elsevier Ltda., 2009. p. 384 – 395. Volume 11.
- KNOX, P. L.; PINCH, S. **Urban social geography**: an introduction. 6. ed. Essex: Pearson Education Limited, 2010.
- LACERDA, M. O.; et al. Paisagem cultural em Diamantina, MG: um estudo sobre patrimônio e toponímia. **Revista Geografica de America Central**, v. 2, p. 1-19, 2011.
- LOWENTHAL, D. Finding valued landscapes. **Progress in Human Geography**, v. 2, p. 373-418, 1978.

- LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- MARTIN, G. J. **All Possible Worlds: A History of Geographical Ideas**. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MENEZES, F. M. **Valores, qualidade de vida e meio ambiente em Diamantina, Minas Gerais**. Amherst: Departamento de Arquitetura da Paisagem e Planejamento Regional da Universidade de Massachusetts. 2014. Relatório de Pesquisa.
- MORIN, K. M. Landscape Perception. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (Org.). **International Encyclopedia of Human Geography**. Volume 6. Amsterdam: Elsevier Ltda., 2009. p. 140 – 145.
- OLIVEIRA, J.; ROCA, Z.; LEITÃO, N. Territorial identity and development: From topophilia to terraphilia. **Land Use Policy**, n. 27, p. 801-814, 2010.
- RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion Ltd., 1976.
- SOUZA, M. L. M. **As representações sociais da comunidade sobre elementos culturais e turísticos da Vesperata em Diamantina – MG**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo). Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. 2008.
- TUAN, Y.-F. Geopietty: a theme in man's attachment to nature and place. In: Lowenthal, D.; Bowden; M.J. (Org.). **Geographies of the Mind**. London: Oxford University Press, 1976.
- _____. **Landscapes of fear**. New York: Pantheon Books, 1979.
- _____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. [Original de 1974].
- VAL, G. F.; ATAURI, J. A.; LUCIO, J. V. Relationship between landscape visual attributes and spatial pattern indices: A test study in Mediterranean-climate landscapes. **Landscape and Urban Planning**, n. 77, p. 393-407, 2006.
- VARAJÃO, G. F. D. C. **Por uma Geografia de Diamantina-MG**. Tese (Doutorado em Geografia). Belo Horizonte: Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. 2015.
- WHYTE, A. V. T. **Guidelines for field studies in environmental perception**. Paris: United Nations Educational, 1977.
- ZUBE, E. H. Perceived land use patterns and landscape values. **Landscape Ecology**, v. 1, n. 1, ap. 37-45, 1987.
- ZUBE, E. H.; SELL, J. L.; TAYLOR, J. G. Landscape Perception: research, application and theory. **Landscape Planning**, v. 9, p. 1-33, 1982.